



18 Vinhos

Kopke

O renascimento de uma casa antiga

Provar vinhos de três séculos foi o desafio lançado pela Kopke, a mais antiga casa do sector do vinho do Porto, a um grupo de jornalistas. O FUGAS esteve presente e confirmou a excelência dos *colheita* daquela firma, que regista também progressos assinaláveis nos *vintage*.



10 Volta ao Mundo

Do Sudeste asiático à Oceânia



FUGAS

SAB22102005

DOURO

Caminhada pelos despojos da linha férrea que um dia ligou o Porto a Salamanca

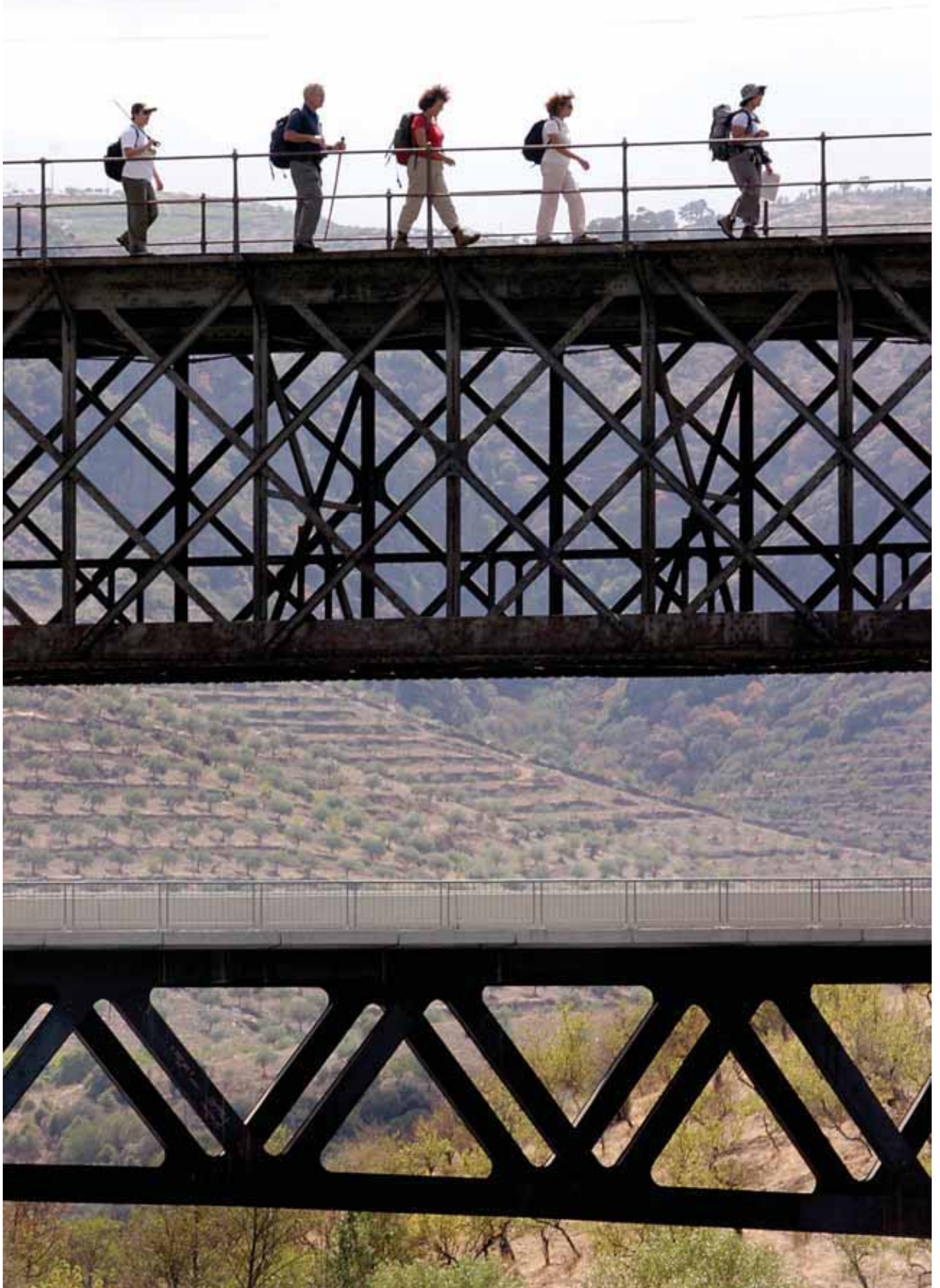
PÁG. 04-07

Novas páginas

O FUGAS inicia hoje a publicação de novas secções, duas delas logo nas páginas iniciais. São alterações que procuram tornar este suplemento ainda mais apelativo e útil para o leitor. Com a secção “Zoom”, abrimos um novo espaço às notícias que se inserem no âmbito do FUGAS; e, para estimularmos ainda mais a interactividade com os nossos leitores, criámos a página “Visto Por”, para a qual desafiamos personalidades conhecidas a guiar-nos por lugares que lhe são próximos ou a partilharem connosco experiências de viagem.

As novas tendências do turismo de saúde vão também ter mais espaço no FUGAS, na nova secção “Bem-estar”. E passaremos igualmente a dar um maior destaque à área dos vinhos e da gastronomia, desde já com a publicação semanal de uma **receita do “chefe” Hélio Loureiro** e de um glossário gastronómico.

04 | NA CAPA





Dois dias de marcha por carris abandonados, pontes destroçadas e túneis misteriosos. **Luís Maio** (texto e fotos) recorda com bolhas nos pés, mas também com um sorriso próximo do êxtase, a sua caminhada por esse Douro romântico, onde já (e ainda) não passam combóios.

Caminhar pelas linhas desactivadas do Douro

Deixei o chapéu, a lanterna e os binóculos em casa. Vesti calças e botas confortáveis, mas de todo inadequadas a trilhos escabrosos. Torci o pé esquerdo seriamente a meio da jornada e acabei com a planta dos dois iguais a mapas em relevo invertido. Não me dei ao trabalho de preparar merenda nem sequer de comprar mantimentos, de forma que passei dois dias a colher fruta para matar a fome. E o único *souvenir* que trouxe foi um prego com mais de um quilo, todo enferrujado e com a data de 1970.

Não me arrependo de nada. Esta estreia a doer no campo do pedestrianismo brindou-me com uma coleção de memórias preciosas. Foi uma estreia, porque antes só tinha feito caminhadas solitárias e curtas, ou com apoio automóvel, para antecipar passeios que haveriam de ser outros a fazer. Desta vez, porém, resolvi experimentar o artigo genuíno: dois dias de caminhada de relativa dificuldade, sempre a subir e a descer pelas paisagens severas da raia transmontana, na senda das desactivadas linhas de comboio do Douro.

As coisas nunca acontecem como esperamos em viagem e por isso é que é bom não criar raízes. Ao programa em torno de Barca de Alva, promovido pelo Clube de Actividade ao Ar Livre, aderiram 52 associados, a maior parte dos quais saiu de Lisboa, numa camioneta alugada ao princípio de uma noite de sexta-feira, de Setembro passado. Foram quatro horas de viagem ultra-animadas, mas algo surpreendentes no sentido em que o programa que a maioria viria a cumprir não entrou na conversa. É que não havia um mas dois à escolha no cardápio pedestre do dia seguinte: um mais radical, percorrendo os 15 quilómetros de troço ferroviário entre a estação leonesa de Fregeneda e a transmontana de Barca de Alva, o outro, mais suave e extenso, coincidindo só em parte com o primeiro em Espanha, mas prolongando-se em terras portuguesas fora de carris, pela Calçada de Alpaiares, até às proximidades de Malhadais.

A dualidade programática foi uma solução de última hora. Era, de facto, para ser itinerário

único, até os responsáveis pelo reconhecimento prévio no terreno descobrirem que duas pontes da linha, ainda em território espanhol, tinham ardido. Uma com 300 metros de comprimento, outra com 200, ambas não proporcionando outra via de progressão além de calhas metálicas de cerca de 30 centímetros de largura sobre o precipício. As passarelas laterais de madeira, por onde normalmente se faz a circulação pedestre, entretanto desabaram, criando um vazio entre as traves metálicas de sustento e os varões exteriores de apoio. Nada de muito seguro, portanto, e a alternativa foi recriar o percurso previsto num segundo, começando e acabando depois dele, mantendo mesmo assim o primeiro como opção para os mais intrépidos.

Um dilema que animou as hostes e ajudou a matar o tempo durante a viagem, à mistura com especulações sobre o local onde a maioria iria dormir durante as duas noites seguintes. O destino de pernoita era Figueira de Castelo Rodrigo, onde não há parque de campismo, mas a edilidade disponibilizou o relvado da piscina para o efeito, assegurando que iria cortar a rega nocturna. Advertiram, porém, os campistas para sondarem o solo antes de montarem tenda, não fossem furar as manguerias e acabarem por converter o relvado em extensão da piscina.

Não houve azares e, afinal, apenas cinco dos mais de cinquenta inscritos nesta actividade optaram pelo programa "perigoso". Ter vertigens e filhos para criar foram as razões mais ouvidas entre os desistentes. Os destemidos eram todos homens e de porte atlético, o que levou a classificar o programa A de viril. Uma enfermeira de profissão, já perto dos 60 anos de idade fez, no entanto, questão em desdramatizar o fosso sexual, assegurando que, se eles estivessem com problemas, era só ligarem que as meninas não demorariam a tirá-los de apuros.

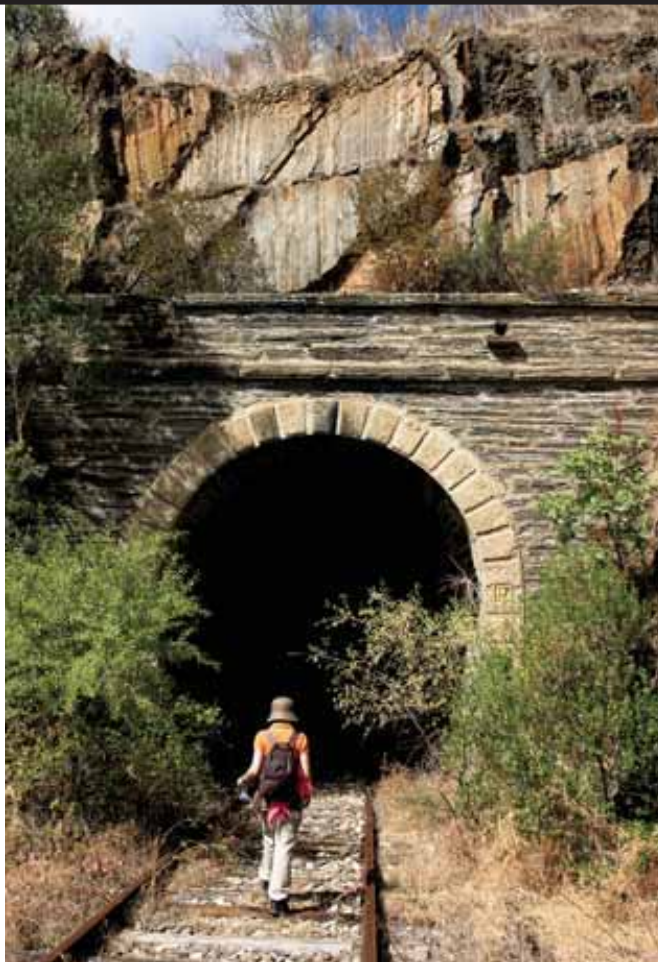




Para quem nunca participou numa marcha organizada, o arranque pode ser fulminante. Neste caso, meia centena de pessoas apeou-se da camioneta numa terreoala espanhola no meio de nenhures e desatou a andar a todo o gás num carreiro rural, por sinal barrando a passagem a um rebanho de ovelhas, tão ou mais numeroso. Para começar, o caminho era largo e a descer, oferecendo vistas prodigiosas sobre a paisagem montanhosa sulcada pelo rio Águeda, agreste e ainda bastante selvagem. Apetecia parar a cada instante para apreciar a beleza, mas toda a gente parecia com pressa para apanhar o combóio, que neste caso só poderia ser fantasma.

Quando, por iniciativa própria, arriscava fazer uma pausa, depois era sempre pior. Que é como quem diz, encontrava-me sozinho, forçado a descobrir onde raio o pelotão se metera e depois a correr atrás do prejuízo. Quando recuperava, no entanto, aproveitava para ver onde paravam as modas. Depressa descobri que o pedestrianismo tem muito a ver com os cruzeiros, nesse sentido em que a socialização em viagem passa sobretudo por falar do acto de viajar no pretérito. A verdade é que desde a saída se tinham formado pequenos subgrupos (ou já vinham feitos de casa), de três a cinco participantes que se iriam manter quase inalterados durante dois dias. E, além de caminhar a abrir, o que aproximava esta gente durante a maior parte do tempo era rebobinar outras caminhadas, de preferência exóticas e de montanha.

Até que surgiu o primeiro apeadeiro abandonado, nas imediações de Los Pollos. O programa previa seguir em frente em direcção à fronteira, mas foi dada liberdade a quem quisesse andar na linha um quilómetro na direcção inversa, afim de testemunhar os riscos que os cinco companheiros mais ousados haviam decidido enfrentar. A excursão inteira ou quase alinhou na manobra de diversão e a maior parte acabou por fazer prova de coragem sobre uma das famosas pontes queimadas. Alguns percorreram a estreita calha, fazendo equilíbrio para lá e para cá, outros pelo menos deram alguns passos sobre o abismo para posarem, ensaiando o quatro para as fotografias. Sem oferecer



tanta luta, a restante caminhada pela antiga via férrea espanhola não era destituída de agruras: basta recordar que o traçado Fregeneda-Barca de Alva, inaugurado em Dezembro de 1887, trespassa em apenas 15 quilómetros nada menos de “20 túneis, 14 pontes e descreve, entre profundas trincheiras, numerosos lacetes, sempre em acentuada rampa” (*Guia de Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian).

Cedo se percebeu que, mesmo sem enfrentar grandes declives neste tramo, não é fácil caminhar numa linha de comboio antiga e desactivada. Cobertas por vegetação silvestre, resultantes de duas décadas de abandono – os 78 quilómetros de linha entre a ponte internacional do rio Águeda e Fuente de San Esteban encerraram em 1985 –, as bermas são quase sempre impraticáveis. A única alternativa de progressão são, assim, as travessas de madeira sobre as quais assentam os carris, mas que foram colocadas noutros tempos, de forma descontínua e aparentemente caprichosa. Obrigam a que se caminhe a passo e aos solavancos, sempre com os olhos no chão, sob pena de resvalar para os irregulares montes de brita que ocupam os intervalos.

Os numerosos túneis deste sinuoso trajecto, quase todos longos e curvos, levantaram outro problema, dado não se enxergar grande coisa lá no meio. Claro que havia gente munida de lanternas a quem se podia pedir boleia, mas as escorregadelas e os tropeções acabaram por calhar a todos. Assim mesmo, ou apesar dos contratempos, este terá sido o troço mais memorável do programa. Quanto mais curva e inclinada a linha, mais contorcidas e exuberantes se aparam as paisagens, enquanto a decrepitude das pontes e a escuridão dos túneis oferecia aos caminhantes um cardápio único de poesia e incerteza. Romantismo saudoso da idade dos comboios que andavam à 30 quilómetros à hora, romantismo das suas linhas hoje abandonadas e caducas. Romantismo ainda deste presente ser já quase passado, quando dentro em pouco não mais se poderá caminhar livremente sobre carris em nenhum canto do Douro. ☺



Conversas em movimento

Declarada Bem de Interesse Cultural em 1999, a linha entre Fente de San Esteban e a fronteira portuguesa será em breve reactivada por iniciativa do Governo espanhol, que já disponibilizou verbas para o arranque das obras. As antigas locomotivas a vapor escaparão à sucata ou ao museu, as novas-velhas composições ganharão janelas panorâmicas, ressuscitando para o turismo da nostalgia. Uma iniciativa certamente louvável, mas que nada tem a ver com o silêncio e o desamparo, que transformam uma caminhada sobre carris numa espécie de devaneio sentimental.

Durão Barroso também anunciou, em 2004, era então primeiro-ministro, a reabertura do troço de 28 quilómetros ligando o Pocinho-Barca de Alva (encerrado em 1988). Caso a promessa se cumprisse, seria possível relançar a ligação ferroviária entre Porto e Salamanca. Afinal, o empreendimento já não constava do plano de investimentos da Refer para 2005 e a prevista reconversão da gare fronteiriça num empreendimento hoteleiro parece hoje cada vez mais remota. Como está, no entanto, a estação é uma gigantesca e magnífica ruína, onde se conservam mais ou menos enferrujadas as antigas infra-estruturas ferroviárias e fronteiriças (desde as rotundas giratórias ao antigo posto da Pide), mas também as bilheteiras em madeira mais ou menos lascada, e as casas de banho com o respectivo papel de parede mais ou menos chamuscado.

A estação de Barca de Alva funcionou assim, em todo o seu esplendor decadente, como uma espécie de auge da caminhada, que com ela também se despediu do traço ferroviário. Daí o grupo transferiu-se para a outra margem do Douro, seguindo primeiro à beira-rio entre elegantes choupos e perfumados pomares de laranjeiras, para depois inflectir para noroeste e iniciar a íngreme escalada pela Calçada de Alpaljares. Por alguma razão também lhe chamam Calçada do Diabo, quando se apresenta como uma escadaria infernal e aos ziguezagues, que não rasga, mas acompanha o acidentado relevo com fiadas de pedras postas de través e rematadas por blocos de xisto.

As vistas sobre a grandiosa paisagem rochosa são sublimes, mas nesta altura do campeonato já ninguém estava para grandes contemplanções. O esforço da castigadora subida fez partir o grupo em vários andamentos e, à chegada às alturas do Castro de São Paulo, a confusão instalou-se com bandos de dissidentes a improvisarem o seu próprio caminho de volta à camioneta. Um pequeno deslize, natural, quando meia centena de pessoas tinha caminhado em sincronia das 9h00 às 19h00 com apenas meia hora de interrupção para almoço, cumprindo 18 quilómetros de distância – embora houvesse aparelhos que contassem cerca de 25. Os cinco do programa das pontes queimadas estavam à espera com novidades – afinal, caminhar em calhas de 30 centímetros ao longo de 300 metros de ponte teria sido bem mais perigoso com

chuva e vento, para além da estimativa da eventual queda ter baixado dos 60 metros para cerca de metade. Em resumo, tudo não terá passado para eles de uma excursão tranquila. Por esta altura, contudo, as proezas alheias soavam bastante iguais ao litro, cada qual tinha tido a sua conta e já havia gente a ressonar de regresso a Figueira de Castelo Rodrigo.

No dia seguinte mais doze quilómetros de passeio, numa elipse traçada a sul do Parque Natural do Douro Internacional, desde Almofala até à Barragem de Santa Maria de Aguiar. De volta aos cenários de austeridade empedernida, desta feita através de carreiros rurais sobranceiros ao rio Águeda e às suas dramáticas arribas. Desta feita, no entanto, a marcha foi mais pausada e sem obstáculos, um mero passeio higiénico, se comparada com a dura maratona do dia precedente. Houve tempo para tudo, inclusive um piquenique à beira das duas capelas de Santo André (objecto de romaria em Agosto) com observação de aves ameaçadas, incluindo abutres-do-Egipto, grifos e águias-reais, que nidificam nas inacessíveis arribas.

Toda a gente aproveitou a marcha para retomar a tagarelice e eu para meter a colherada. Discutir Johnny Depp, Caetano Veloso, Michel Houellebecq ou Oscar Neimeyer enquanto se caminha com desconhecidos, num dos mais remotos e idílicos cenários durienses, é um desses prazeres na vida que não se podem declinar. Até porque é extremamente contagioso. ☺

Informações

Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo
www.cm-fcr.pt

Concelho de Mogadouro
www.com-mogadouro.pt

Calçada de Alpaljares
www.bragancanet.pt

Clube de Actividades ao Ar
www.clubearlivre.org

Cisterna

Rua da Cadeia n.º7, Castelo Rodrigo
Telefone: 271 313515 e 91 7618122
casadacisterna@casadacisterna.com
asadacisterna.com
www.casadacisterna.com
Antiga moradia rural, em pleno recinto amuralhado de Castelo Rodrigo, excelentemente reconvertido em unidade turística. Duplos a 60€. As refeições são servidas mediante marcação prévia.

Transmontano

Avenida de 25 de Abril, 66, Figueira de Castelo Rodrigo
Telefone: 271 319020
Situado numa das esquinas da praça principal de Figueira fica esta pensão típica de gama média. Grande sala de restaurante no piso térreo, pratos regionais servidos em doses avantajadas. Quartos duplos a 35€.

Residencial Figueirense

Avenida de 25 de Abril, Figueira de Castelo Rodrigo
Telefone: 271 312517
Pouco convidativo, mas com quartos limpos e comida caseira. Duplos a 40€.

Onde ficar onde comer

Hospedaria do Convento

Figueira de Castelo Rodrigo
Telefone: 271 311819/20
Geral@hospedariadoconvento.com e www.hospedariadoconvento.com
Turismo de habitação que recria com luxo e elegância parte do convento cisterciense de Santa Maria de Aguiar, que já no século XII acolhia peregrinos. Destaque para a loggia envidraçada onde são servidas as refeições. Duplos a 70€.

Estalagem Falcão Mendonça

Rua de Álvaro Castelões, 20, Figueira de Castelo Rodrigo
Telefone: 271 319200 e www.falcãomendoca.com
Estalagem implantada num imponente solar do século XIX, reconvertido em unidade hoteleira em 2002. Quartos rústicos, salão nobre para refeições, esplanada e piscina. Duplos a 70€.



16º aniversário **Radio Nova**

fundação **couto**

5Mb @ 30€/mês!!!
tvívd 707 25 50 50 www.fvnl.pt

PROJECCÃO
Associação para o Desenvolvimento do Cinema
www.projeccao.pt

bilhetes à venda no local, fnac e ticketline

“Sara Tavares ao vivo”
A Rádio Nova e o Twin's Bar, comemoram ambos os aniversários com um acústico de Sara Tavares

22 de Outubro · Twin's bar

fm **98.9**

HYUNDAI